



O CÉU AZUL, A TEMPERATURA AMENA E O VERDE DAS ÁRVORES E DOS GRAMADOS FIZERAM DESTE JUNHO DE 2008 UM TEMPO DE SONHOS.



LUA CHEIA O céu azul, a temperatura amena e o verde das árvores e dos gramados fizeram deste junho de 2008 um tempo de sonhos. Sonhos de um inverno tropical. As noites estreladas e a lua cheia iluminaram as festas juninas e fizeram uma homenagem rasgada a São Pedro e São João. Maio, Junho e Julho são os meses da minha paixão. O tempo é leve, o sol não arde, o céu é calmo, o ar é puro e as noites, de tão claras que são, deixam um rastro de luz nas águas do Paranoá.

MIT E ALTMAN Neste junho de 2008, além do espetáculo de luz e beleza que Deus nos deu, Brasília viveu um delicioso surto de invenção e fantasia. No teatro, os palcos foram tomados pela Mostra Internacional - "MIT", por Aurélia e Victoria Thierrée e Hugo Rodas. No cinema, as retrospectivas Robert Altman e Film Noir encheram as telas com imagens, roteiros e interpretações que relembram e revelam grandes momentos da sétima arte.

MEIRELES, SHUNDI E OHTAKE Junho foi particularmente especial nas artes visuais. O seminário "*Cildo Meireles. Tempos e espaços*", trouxe uma reflexão lúcida sobre os sistemas simbólicos e de linguagem e sua relação entre ética, estética, política e arte. Na gastronomia a cidade ganhou o refinado Shundi. Restaurante japonês que leva uma dupla assinatura de peso: de um lado, o talento de um dos mais sofisticados chefes da culinária oriental e do outro, a brilhante concepção dos espaços assinada pelo arquiteto Ruy Ohtake.

CASTRILLO, BECKETT, BROOK E GUIMARÃES "Umbral", peça da argentina Cristina Castrillo nos colocou diante de uma atriz com uma força dramática excepcional. Uma mulher capaz de ocupar sozinho um palco inteiro e fazer com que ele pareça pequeno na sua presença. Uma autora que sabe transformar em palavras os sentimentos, as emoções e as memórias vividas e escutadas. Samuel Beckett, na visão de Peter Brook, é preciso, seco e firme. A condução do texto Rockaby nos remete a uma viagem solitária e árida, o mais próximo possível da real condição humana. Vi Hayley Carmichael se auto-balançar na cadeira e lembrei Vera Holtz. No mesmo monólogo, dirigida pelos irmãos Guimarães, Vera emprestou ao texto uma dose maior de humanidade.

AURÉLIA E VICTORIA L'Oratorio d'Aurélia, um misto de circo e teatro, nos transportou para o mundo da magia e da ilusão. Ali, cenários se revoltam e objetos tomam vida. Até a cortina de veludo

NESTE JUNHO DE 2008, ALÉM DO ESPETÁCULO QUE DEUS NOS DEU, BRASÍLIA VIVEU UM DELICIOSO SURTO DE INVENÇÃO E FANTASIA.



NO TEATRO, OS PALCOS FORAM TOMADOS PELA MOSTRA INTERNACIONAL - "MIT", POR AURÉLIA E VICTORIA THIERRÉE E HUGO RODAS.



NO CINEMA, AS RETROSPECTIVAS ROBERT ALTMAN E FILM NOIR ENCHERAM AS TELAS COM IMAGENS, ROTEIROS E INTERPRETAÇÕES QUE RELEMBRAM E REVELAM GRANDES MOMENTOS DA SÉTIMA ARTE.



vermelho se manifesta em cena, numa dança lúdica com a personagem principal. Humor, sonho e ilusão são os ingredientes desse espetáculo que combina com perfeição os segredos da dança, as surpresas do malabarismo e o encantamento dos marionetes. Tudo sob a direção primorosa da filha de Charles Chaplin, Victoria Thierrée, que conduziu com precisão a própria filha, Aurélia, e um imenso conjunto de engenhocas, figurinos e objetos.

CILDO E FREDERICO Na Funarte, Cildo Meireles e Frederico Moraes chegaram para um seminário que já percorreu a Pinacoteca de São Paulo e o Centro de Arte Contemporânea Inhotim. Em sua palestra, Frederico falou da coerência de Cildo e estabeleceu um paralelo entre o artista e o escritor Guimarães Rosa: "*ambos têm na brasilidade a sua pedra angular*". Segundo Frederico, Cildo incorpora a cultura oral como base do seu trabalho e usa os espaços "cegos" da sociedade como objeto de investigação: "nem sempre o que se vê é o que é". Cildo, na sua refinada simplicidade, nos lembrou que a arte só pode nascer da vida e que o eixo do seu trabalho é o desenho: "*o desenho ajuda a pensar*".

HUGO RODAS No espaço Ecco, Hugo Rodas nos recebeu em sua sala de estar. Vestindo um manto de rei ele atravessou o longo corredor que une as duas pontas da sua vida. Estava começando Boleros, sua peça autobiográfica. Ele é o filho único de uma família repleta de tias solteironas que o adoram e o adulam. Muito cedo descobriu todas as possibilidades da sua privilegiada condição. Transformou as múltiplas mesadas em sessões de cinema. Musicais que iriam marcar para sempre a sua vida. Hugo canta, gesticula, anda. Conta histórias vividas ontem e hoje. Memórias de um menino/homem que sempre soube amar a vida.

ATHOS BULCÃO Junho se foi. Abrimos julho celebrando Athos Bulcão. São 90 anos de vida e 50 anos de Brasília. O ECT lançou um selo comemorativo. O Correio Braziliense fez uma bela festa no Espaço Chatô. Marcio Cotrim, Álvaro Teixeira e toda a direção do Correio veio comemorar. Athos merece! Presente nos palácios e nas praças públicas, nas igrejas e nos metrô, Athos Bulcão é um artista democrata. Integrou arte e arquitetura dando movimento ao que antes era só parede. Emprestando cor ao que antes era concreto. Athos e Brasília são um a cara do outro. Merecem um espaço à altura. Viva o Memorial Athos Bulcão!